

O OLHAR ACADÊMICO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE LITERATURA, PERIFERIA E EDUCAÇÃO

Raquel Barbosa Dias¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir como as produções acadêmicas do campo da Educação têm identificado e tematizado contribuições dos textos e práticas associadas à literatura produzida nas periferias no cenário contemporâneo. Por meio de uma revisão bibliográfica de oito trabalhos acadêmicos levantados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, busca-se refletir sobre como estudiosos abordaram esse fenômeno em sua relação com educação escolar e não escolar nos últimos anos. Entre os resultados encontrados estão a discussão sobre como essa produção tem sido utilizada nas salas de aula; quais os efeitos dos textos e práticas literárias da periferia entre professores e estudantes; assim como qual é o papel atribuído aos saraus periféricos na socialização dos seus frequentadores e poetas.

Palavras-chave: Literatura Periférica; Literatura Marginal; Saraus; Educação

INTRODUÇÃO

Partindo de alguns debates acadêmicos, este trabalho busca discutir a relação entre produção literária da periferia e educação. Trata-se de refletir sobre como o fenômeno que emerge no final dos anos 1990— e consolida-se nos anos 2000 com o lançamento de centenas de obras literárias e a organização de dezenas de saraus em diferentes bairros periféricos— tem sido abordado por estudiosos que enfocam as contribuições dessas práticas e textos literários em espaços escolares e não escolares.

Historicamente o termo “literatura marginal” foi criado na academia, por estudiosos da literatura. Ao longo da história literária, o uso do conceito de marginalidade tornou-se polissêmico, de modo que podemos considerar que o termo “literatura marginal” é usado para se referir a qualquer tipo de marginalidade experimentada por escritores e suas obras no campo literário. Sendo assim, “literatura marginal” pode servir para classificar qualquer literatura produzida por minorias sociológicas, como obras publicadas por editoras independentes e auto publicações feitas de maneira artesanal, produções que abordem temáticas ligadas a algum tipo de marginalidade econômica,

¹ Licenciada em Ciências Sociais pela Unesp/ Campus Araraquara – SP. Especialização em PROEJA – IFSP. São Paulo-SP. E-mail: rqldelima@gmail.com

social e política, ou ainda, obras que estão à margem do cânone, dos prêmios literários e das listas obrigatórias de vestibular (NASCIMENTO, 2006).

De acordo com Alfredo Bosi (2006), o termo “literatura marginal” foi primeiramente empregado no Brasil para se referir a um grupo de poetas da década de 1970, tais como Ana Cristina César, Cacaso, pseudônimo de Antônio Carlos Brito, e Paulo Leminski. Nesse período o país era assolado pela repressão militar e pela censura. Cabia, então, aos artistas da época, manifestar sua contestação política, cultural e social através, muitas vezes, do anonimato ou de pseudônimos. A literatura dos anos 1970 era considerada marginal por não seguir a estética literária da época, uma vez que suas obras contavam com linguagem coloquial e continham estilo aparentemente desleixado. Em relação ao mercado editorial, os poetas marginais dos anos 1970 produziam suas obras de forma independente, a partir de cooperativas editoriais, posto que não lhes interessava o apoio das grandes editoras.

Se, por um lado, os autores marginais dos anos 1970 eram oriundos das classes médias e altas, intelectualizadas; por outro, a nova geração de escritores marginais representa as classes populares e os moradores de bairros localizados nas periferias urbanas brasileiras, principalmente do estado de São Paulo.

Os escritores marginais da década de 1970 escreviam sobretudo poemas, com temáticas ligadas ao sexo, a tóxicos e ao cotidiano das camadas médias e altas, enquanto a nova geração de escritores marginais focaliza a vida e prática dos membros das classes populares e os problemas sociais predominantemente associados ao espaço social da periferia: violência, carência de bens e equipamentos culturais, precariedade da infraestrutura urbana, relações de trabalho. Os escritores da periferia, por sua vez, anseiam fazer parte do rol das grandes editoras (NASCIMENTO, 2006).

Os escritores marginais da contemporaneidade surgem no contexto brasileiro no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, principalmente nas periferias da cidade de São Paulo. Um marco desse surgimento é o lançamento do livro *Capão Pecado* do escritor Ferréz². Assim como a “primeira geração de marginais”, tais escritores também utilizam linguagem coloquial, além de palavrões e gírias de bairros periféricos. Porém, sua

² Reginaldo Ferreira da Silva, mais conhecido como Ferréz, é morador do Capão Redondo, localizado na periferia de São Paulo. É um dos escritores de “Literatura Marginal” mais consagrados do Brasil, já publicou diversos livros, é fundador do 1DaSul (marca de roupas e grupo que promove eventos e ações culturais na região do Capão Redondo), produziu documentários, foi colunista da revista Caros Amigos por 10 anos, é cantor e compositor de rap e apresentador de programa de TV.

temática não é mais a prática social da classe média, mas sim, o cotidiano das periferias urbanas, agora contada por quem realmente a vivencia. A “literatura marginal” ou “literatura periférica”, como também a chamam, serve para dar voz à população que até então não era ouvida, e, muitas vezes, até esquecida nas periferias do Brasil (NASCIMENTO, 2006)

Os próprios escritores originários da periferia começaram a reagir em relação aos diversos termos para marcar suas posições literárias. Então escritores como Allan da Rosa, Sérgio Vaz e outros vão preferir a designação “literatura periférica”. Portanto, o termo “literatura periférica” é um termo nativo, um termo estabelecido pelos escritores. Sendo assim, “literatura periférica” seria toda e qualquer produção literária feita por um escritor originário e/ou morador da periferia e que visa tematizar a realidade da periferia em diversas dimensões na literatura (NASCIMENTO, 2006).

O termo “literatura marginal-periférica” é utilizado por pesquisadores do tema, como Nascimento (2006), Soares (2009) e Assis (2014), para distinguir a “literatura marginal” dos anos 1970 da “literatura marginal” produzida por escritores da periferia no cenário contemporâneo. Essas estudiosas chamam a atenção para o fato de que os escritores da periferia assumirem o termo “literatura marginal” ou “literatura periférica” como uma das possibilidades de classificação das suas obras.

Ainda segundo Nascimento (2006), o termo “literatura periférica” revela uma relação positiva e afetuosa com o espaço da periferia, assim como manifesta o desejo de marcar a diferença entre o fenômeno da “literatura marginal” dos anos 1970 e a literatura contemporânea dos escritores oriundos da periferia. A predileção por esse termo também visa diferenciar a literatura produzida por periféricos da produção de escritores brancos, que são da classe média, que estão tematizando a marginalidade social e publicando por editoras independentes, e que poderiam ser classificados como “literatura marginal” em função da sua posição de marginalidade no mercado editorial, ou ainda, pelos temas de suas obras.

Os principais escritores periféricos que estão presentes no cenário atual são: Sérgio Vaz, Ferréz, Débora Garcia, Alessandro Buzo, Mel Duarte, Sacolinha, Allan da Rosa, Rodrigo Círiaco, entre outros.

Nota-se a importância de discutir a relação da “literatura marginal-periférica” com a educação na medida em que muitos professores utilizam essas obras em salas de aula. Soma-se a esse fato os saraus serem vistos como espaços de educação “não formal” e

possuírem grande relevância para a prática educativa e de aprendizagem por meio da leitura. Conforme Gohn (2009), a educação “não formal” ocorre em espaços concretos e coletivos de formação onde a aprendizagem volta-se também para saberes não escolares. Sobre a educação “não formal”:

Ela aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, em processos organizativos da sociedade civil, ao redor das ações coletivas do chamado terceiro setor da sociedade, abrangendo movimentos sociais, ONGs e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área social, ou processos educacionais frutos da articulação das escolas com a comunidade educativa via conselho, colegiado, etc. (GOHN apud SOUZA, 2014, p. 83).

Diante desse cenário de atuação e presença dos escritores periféricos, bem como de suas relações com processos educativos, o objetivo geral deste artigo é discutir como as produções acadêmicas no âmbito da pós-graduação, principalmente na área da Educação, tematizaram este fenômeno contemporâneo que é o surgimento das produções literárias da periferia. Entre os objetivos específicos estão: analisar como a produção periférica tem sido utilizada nas salas de aula; entender quais os efeitos dos textos e práticas literárias da periferia entre professores e estudantes; identificar qual é o papel atribuído aos saraus na socialização dos seus frequentadores e poetas.

Em termos metodológicos, partiu-se da revisão bibliográfica, técnica de pesquisa que consiste na análise e discussão de ideias de diferentes autores sobre um determinado tema (BRIZOLA; FANTIN, 2016). O levantamento foi realizado no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), no mês de janeiro de 2018, a partir das palavras-chaves “literatura marginal”, “literatura periférica”, “saraus”, e “educação e literatura”. Por meio da leitura dos resumos e sumários dos trabalhos encontrados, foram definidas oito dissertações como corpus de análise, sendo seis delas provenientes da área da Educação, uma da Linguística Aplicada e uma de Letras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados os trabalhos de Franco (2006), Soares (2009), Dias (2010), Santos (2011), Carneiro (2011), Eble (2013), Assis (2014) e Souza (2014), os quais tiveram por objetivo discutir e compreender a literatura oriunda das periferias em ambientes escolares e não escolares.

Dos oito trabalhos analisados, metade discute especificamente a temática dos saraus paulistanos. Franco (2006) debruça-se sobre o Sarau da Cooperifa, organizado por Sérgio Vaz, e seus reflexos na periferia da zona sul da cidade; Eble (2013) dá enfoque ao Sarau dos Mesquiteiros, liderado por Rodrigo Ciríaco e realizado em uma escola pública. Assis (2014), por sua vez, pesquisa o Sarau Elo da Corrente, que tem como especificidade a articulação entre cultura periférica, cultura nordestina e cultura afro-brasileira. E, por fim, Souza (2014) discute a atuação do Sarau Poesia na Brasa em um bairro bastante estigmatizado pela violência. Esses saraus são percebidos pelos pesquisadores como espaços educativos que favorecerem as habilidades de leitura e escrita entre jovens, sendo ainda considerados espaços de “reintegração social por meio do acesso à cultura” (FRANCO, 2006, p. 283); de motivação para que estudantes se interessem por textos que tematizam suas realidades sociais (SOUZA, 2014); de compartilhamento de experiências e de criação de pertencimento com o espaço da periferia (ASSIS, 2014).

Dois dos trabalhos analisados discutem, especificamente, o uso dessa literatura na sala de aula. Tanto Dias (2010) quanto Soares (2009) eram também professoras da rede pública de ensino quando fizeram suas pesquisas e relataram suas experiências docentes com essa produção.

Soares (2009), por exemplo, justifica a utilização desses textos como forma de contestar os textos privilegiados nos livros didáticos adotados, que se pautam na literatura canônica e na perspectiva de representação da classe dominante. A pesquisadora faz uma análise de dois livros didáticos para refletir sobre como estes trabalham a questão da literatura.

Diante deste levantamento, a pesquisadora notou a ausência de obras de “literatura marginal-periférica” e a presença maciça de obras consagradas pelo cânone literário. Sendo assim, estabeleceu uma crítica a respeito da escolha das obras que estariam presentes nos livros didáticos, partindo para a defesa da presença dessa “literatura marginal-periférica” nesses materiais e na sala de aula.

Ambos os trabalhos, de Soares (2009) e de Dias (2010), reforçam a ideia de que a utilização, em sala de aula, da literatura produzida a partir da periferia é relevante para que se tenha heterogeneidade cultural no contexto escolar. A leitura apenas de textos canônicos influenciaria na manutenção da ideologia da classe dominante e do *status quo*.

De acordo com Boudieu (1990) a literatura considerada boa e legítima é aquela que, de certa forma, representa a classe dominante e seu respectivo capital cultural.

Soares (2009) afirma que não se deve trabalhar apenas uma possibilidade de leitura nas escolas, mas sim abordar outras obras. Eble (2013) reforça que não devemos negar ou favorecer nenhuma cultura, mas sim incentivar o diálogo intercultural. Deve-se despertar o desejo pela leitura a partir de obras que o leitor se sinta confortável e se identifique, para que assim possa abrir-se a possibilidade de perpassar suas leituras para outros horizontes.

Em sua dissertação, Soares (2009) dá grande enfoque aos alunos como escritores e discorre sobre as dificuldades, como docente, em lidar com os aqueles que são meramente copistas, e que, no momento da produção textual, mostram muita insegurança. Mostra também como a arte da escrita é elitizada, sendo vista como um domínio apenas da classe dominante. Para essa pesquisadora, a “literatura marginal-periférica” quebra com esse paradigma, porque agora pessoas das classes desfavorecidas, com subempregos, desempregadas, muitas vezes vítimas de violência, preconceitos e discriminações tomam a caneta e passam a relatar suas próprias histórias.

De acordo com Dalcastagne (2008):

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem: entre a “autenticidade” do depoimento e a “legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística. O termo chave, neste conjunto de discussões, é “representação” (...) (DALCASTAGNE apud, SOARES, 2009, p.88)

Soares (2009) ressalta que, para ser constante e motivadora, a leitura deve existir para além da obrigação, o que motiva os alunos na habilidade leitora é a identificação com relação a obra. Em seus trabalhos Soares (2009) e de Dias (2010) as autoras propõem um incentivo à leitura a partir das obras periféricas, uma vez que essas obras são mais próximas da vida cultural e da condição socioeconômica dos educandos da escola pública e possuem textos com os quais os alunos possam se identificar de acordo com sua linguagem e vivência. Ambos os trabalhos afirmam que o docente deve se preocupar em conhecer o seu público-alvo, seus desejos e suas realidades, pois só assim conseguirá nortear uma leitura que desperte o interesse dos estudantes.

Como afirma Dias (2010, p. 60):

O leitor é peça-chave, pois é ele quem dá sentido ao texto de acordo com suas próprias vivências. Pode-se arriscar dizer, então, que o texto literário liberta a visão de mundo do leitor e, a somatória texto/ literatura

+ leitor/visão de mundo pode gerar uma nova realidade para o leitor assegurando torná-lo um leitor mais assíduo e, quem sabe, este leitor pode vir a encontrar um novo lugar na sociedade.

Segundo Dias (2010, p. 48): “[...] pode-se trabalhar a hipótese de que, quando o leitor se identifica com o texto, a leitura se torna prazerosa e seu interesse se intensifica”. As obras oriundas da periferia apresentam realidades conhecidas pelos alunos, assim como uma linguagem informal, com gírias, palavrões e afins.

Os resultados da pesquisa feita por Soares (2009) e Dias (2010) apontam que os alunos passaram a interagir mais e melhoraram a interpretação e a compreensão dos textos a partir do contato com a produção periférica. Além disso, ambas professoras/pesquisadoras reiteram que essa literatura permite a ampliação do referencial teórico do aluno e a convivência com diferentes modos de leitura, o que contribui para que o discente possa ter autonomia em suas escolhas literárias.

Todos os trabalhos acadêmicos analisados fazem referência ao movimento cultural dos saraus, mas é nas obras de Franco (2006), Carneiro (2011) Santos (2011), Eble (2013), Souza (2014) e Assis (2014), que podemos notar a importância dos saraus como contribuição para uma educação não formal.

Como referencial teórico, utiliza-se o conceito de “não formal” segundo Gohn (2008), apresentado por Souza (2014). Nesta obra define-se a prática da educação formal, “não formal” e informal. De acordo com Gohn (apud SOUZA, 2014, p.16):

Na educação formal sabemos que são os professores. Na não formal, o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos. Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa etc.

Os pesquisadores comungam da opinião de que, uma vez que retratam a realidade cotidiana, os saraus têm uma estrutura e um método de aprendizagem de significação para o público participante. Os coletivos mantêm uma organização própria, em que todos os participantes, de certa forma, se tornam colaboradores. A participação de todos é muito evidente e é notável a preocupação para que todos do coletivo sejam sujeitos atuantes.

Nos saraus não há espaço para competições, mas sim para compartilhamento. Como afirma Franco (2006), “a performance do sarau levou a conjectura de uma nova possibilidade de educação alternativa. Sua aceitação, possibilitou o desenvolvimento do senso crítico dos frequentadores” (FRANCO, 2006, p. 23).

De acordo com Franco (2006, p. 282):

O sarau se mostrou como uma invenção sensível às problemáticas sociais comuns às comunidades pobres. Sua função inventiva se destinou a promover a cultura mediante o uso da poesia. Nasceu como uma reação à desatenção estatal em relação às questões sociais como a desigualdade na concentração de renda e o analfabetismo.

Percebe-se que a literatura não é mais apenas sobre a periferia, mas sim feita por oriundos da periferia, portanto, histórias contadas por eles mesmos, que em seus textos, poemas e afins projetam vivências, ações e leituras de mundo.

Os saraus têm por tradição o incentivo à leitura, à oralidade e à produção textual. Sendo assim, nota-se que o estímulo à leitura é uma ação pedagógica e sua importância, bem como a formação de sujeitos leitores, compreende o desenvolvimento da educação, corroborando para o processo de transformação do sujeito.

Inicialmente os agentes sociais que frequentam os saraus parecem tímidos em relação a oralidade, o que vai se desenvolvendo com o tempo. Por meio de entrevistas feitas com frequentadores dos saraus, Franco (2006) notou que a maioria dos entrevistados afirmavam que o sarau é um ambiente de comunhão e socialização, o qual auxiliava nos estudos, na autoestima e numa visão positiva de autoimagem. Muitos afirmaram, ainda, que não tinham o hábito de ler e depois que começaram a frequentar os saraus passaram a ler cotidianamente, o que demonstra o incentivo à leitura e a uma nova visão de mundo.

Os saraus são vistos, também, como formas de entretenimento nas periferias das grandes cidades. E não apenas despertam o interesse pelo entretenimento, mas também para a leitura literária e, mais do que isso, os saraus possuem caráter multiplicador de ação e revelam poetas e escritores. Os coletivos têm por características fomentar as publicações, como afirma Assis (2014, p. 111):

Além das práticas voltadas à leitura dos textos literários, também existe um grande esforço para incentivar a produção e a escrita literária, não apenas para declamar nos encontros, mas também para a publicação, seja por meio de selos próprios ou por contratos com grandes editoras. O selo editorial *Elo da Corrente Edições*, fundado em 2008, com o objetivo de “publicar os escritos dos poetas do nosso sarau e injetar ainda mais literatura na quebrada”, teve grande representatividade para a cena literária.

Muitos dos participantes dos saraus organizam publicações independentes de forma coletiva, incentivando assim que as pessoas que muitas vezes não teriam condições de publicar suas obras possam vir a fazê-lo. Os saraus possuem, além de tudo, interesse e potencial pedagógico. De acordo com Assis (2014, p. 122):

O interesse pedagógico é outro aspecto importante dos encontros. Notamos que toda a organização do espaço tenta criar momentos de formação, seja de leitores e conhecedores da cultura negra e da cultura marginal/periférica, objetivo principal, seja de cidadãos conscientes e atuantes politicamente, além do constante processo de formação identitária.

De acordo com tal pesquisadora, o objetivo dos saraus é o incentivo à leitura, à criticidade, à prática da oralidade, à retomada dos estudos, ao compartilhamento de culturas, dentre outros. O sarau busca também despertar nas pessoas a consciência de si como ser histórico e político, inserido em uma comunidade (ASSIS, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos analisados apontam que a educação não está presente apenas nas escolas, mas também nos saraus, nas associações de bairros, nas ruas, nas igrejas e tantos outros lugares. Também sugerem que a produção literária das periferias surge para manifestar a legitimidade da escrita do excluído, do “marginal”, uma vez que ao longo da história podemos notar certa estrutura vertical de poder e de representação no campo literário.

Diante do difícil acesso a ambientes culturais, como teatros, museus, exposições dentre outros, e a falta de estímulos educativos, criativos e culturais, os saraus se tornaram a maior representação da manifestação cultural nas periferias de São Paulo. Sendo assim, os saraus seriam um ambiente de resistência frente ao imposto distanciamento dos bens culturais e dos meios de entretenimento.

Os saraus têm função não apenas de entretenimento, mas também possuem ação educativa e função social. Suas manifestações artísticas são direcionadas à educação para direitos, para a justiça social, para a liberdade, para a igualdade e para a democracia. Os sujeitos envolvidos passam por processos de constante aprendizado e emancipação. Por meio desses coletivos literários nota-se que os envolvidos passam a se perceber como agentes da mudança social.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Mariana Santos de. **A Poesia das ruas nas ruas e estantes: eventos de letramento e multiletramentos nos saraus literários das periferias de São Paulo.** 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOURDIEU, Pierre. O campo intelectual: um mundo à parte. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. de Silveira e Denise Moreno Pegorim. Revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Braziliense, 1990. p. 169-180.

BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nadia. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale dos Arinos**, Juara, v. 3, n. 2, p. 23-39, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738/1630>.

CARNEIRO, Suzana Filizola Brasiliense. **A articulação entre escola e comunidade do entorno em um projeto de literatura marginal: um olhar fenomenológico**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

DIAS, Maria Isabel Martins Teixeira de Gavino. **Literatura Marginal, uma proposta de leitura para a formação de futuros leitores: A leitura pode fazer parte da vida dos alunos, pois a vida deles também faz parte da literatura**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

EBLE, Taís Aline. **A literatura marginal/periférica e o Sarau como práticas de educação intercultural no Sarau dos Mesquiteiros: um estudo de caso em São Paulo 2012-2013**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2013. Disponível em: <https://bu.furb.br/consulta/novaConsulta/recuperaMfnCompleto.php?menu=esconde&CdMFN=355754.pdf>.

FRANCO, Nilton Ferreira. **O sarau paulistano na contemporaneidade - Cooperifa Zona Sul (1980-2006)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) — Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: ensaios**. São Paulo, Cortez, 2000.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo no terceiro setor**. 4 ed. São Paulo, Cortez, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **A educação não-formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo, Cortez, 2009

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **‘Literatura marginal’: os escritores da periferia entram em cena**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTOS, Maria Aparecida Costa dos. **Ensino paralelo na periferia: uma visão da educação à luz de Ferréz**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2011.

SOARES, Mei Hua. **A Literatura Marginal-Periférica na escola**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SOUZA, Eliabe Gomes de. **Literatura Marginal e Periférica - práticas educativas na periferia de São Paulo**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2014.

THE ACADEMIC LOOK ABOUT THE RELATIONSHIPS BETWEEN LITERATURE, PERIPHERY AND EDUCATION

ABSTRACT

This paper has the objective to discuss how the academic productions from Education search field has been identifying and broaching the texts contributions and the practices associated with the literature produced in peripheral places in the contemporary picture. Through review of eight academic papers bibliography from dissertations and thesis conjunct from Capes, it wishes to reflect about how researchers have approached this phenomenon in their relationship with school education and non-school education in the last years. Among the results found are the discussion about how this production has been used in the classroom; which are the effects of the texts and literature' practice from peripheral among teachers and students; what is the peripheral soirees importance in the poets and frequenter socialization.

Keywords: Peripheral Literature; Marginal Literature; Soirees; Education.

Enviado em: 29/11/2018.